

HOMENAGENS AO PROF. LEODEGÁRIO AMARANTE DE AZEVEDO FILHO

O LEGADO HUMANÍSTICO DE UM MESTRE

Antonio Martins de Araujo
Presidente da Academia Brasileira de Filologia

1. Introdução

Conheci o Prof. Dr. Leodegário Amarante de Azevedo Filho no verdor dos seus trinta e poucos anos, em janeiro de 1959, em minha cidade natal, São Luís do Maranhão. Eu já me havia graduado na primeira turma de Letras Neolatinas da recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras daquela capital, patrimônio cultural da humanidade, em 1612 fundada pelos franceses de La Ravardière, sob o guante de Catarina de Médicis.

Como a minha Faculdade ainda não recebera a autorização definitiva do MEC para seu funcionamento pleno, resolvi inscrever-me no curso promovido pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) naquele mês e ano, a fim de conseguir logo a autorização para lecionar no primeiro e segundo grau de ensino da época. O professor de Conteúdo de Língua Portuguesa foi o cearense Otávio Faria que militava no ensino superior de Fortaleza; o de Didática da Língua Portuguesa foi o professor Leodegário.

Minha prova de aula constituiu-se de uma análise literária de texto romântico brasileiro. Munido de um mapa do Maranhão e de um arco e uma flecha indígenas, analisei a maldição do guerreiro do poema épico I Juca Pirama, de meu genial conterrâneo Antônio Gonçalves Dias. A banca me concedeu a nota máxima, e o prof. Leodegário, bem a seu modo de estimular os mais novos, declarou que, se eu tivesse dado aquela prova de aula num concurso para ingresso no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, eu seria aprovado com louvor.

Cansado de dar murro em ponta de faca na direção do Liceu Maranhense de janeiro de 1960 a fevereiro de 1964, em março desse último ano criei coragem e resolvi pôr à prova o conselho do meu saudoso amigo. Não no Colégio Pedro II, mas na Escola Técnica Federal (hoje CEFET), na Escola Técnica de Comércio Rio Grande do Sul, e depois na Escola Naval, vi que ele tinha toda a razão. Em prova escrita e de títulos fui aprovado nas três, e, de mala e cuia (como se costuma dizer em minha

terra), mudei-me sozinho para a Cidade Maravilhosa, a fim de abrir caminho para a mudança da numerosa família. Mas voltemos ao nosso tema.

Tendo perdido minha boa mãe quando eu tinha apenas treze anos de idade, e ela, trinta e três, aprendi desde cedo que a condição humana é efêmera e que só Deus é eterno. Sei, porém, que os grandes homens se vão, mas suas obras permanecem quando dignas de serem lembradas.

Nos seus fecundos e bem vividos oitenta e quatro anos de existência, o saudoso e pranteado mestre Leodegário Amarante de Azevedo Filho, cuja obra rememoramos agora, bem conhecia e vivia o postulado de que “viver é conviver”.

Muito jovem ainda, dedicou-se à educação de adultos, vindo a estreitar nas letras didáticas em 1953 com o ensaio *Alguns problemas do idioma*, e já em 1958 editaria sua apreciada *Didática especial de Português*.

Convém dizer, antes de tudo, que nosso homenageado foi em vida principalmente professor e que, estreando cedo, foi o mestre admirado e querido de várias gerações.

Submetido às limitações do espaço, aqui e agora focalizarei apenas algumas de suas principais obras, que alcançam a elevada cifra de mais de oitenta títulos, constituindo-se essa marca uma façanha que nenhum de seus confrades alcançou.

Esclarecidos esses pressupostos, propomo-nos focalizar os principais aspectos de sua trajetória humanística, passando ao exame de suas principais linhas de pesquisa ilustradas por suas obras, a saber: o periodista, o gramaticólogo, o versicólogo, o teórico da literatura, o crítico literário, o lusitanista, o brasilinista, o teórico da Ecdótica, e o editor crítico de obras medievais lusitanas como a de Pero Meogo e as de Luís Vaz de Camões.

2. O didata

Como dissemos, Leodegário foi, antes de tudo, um senhor professor, vocação que se projeta em suas obras de cunho pedagógico, como sua *Didática especial de Português* (RJ, 1958)

Em 1959, editou a plaquete *A educação de adultos no Distrito Federal*, seu discurso no Teatro João Caetano, como paraninfo de todas as turmas dos cursos ginasiais e comerciais básicos do Departamento de Educação da Prefeitura do nosso então Distrito Federal.

Em 2007, um parêntese para seu ensaio *Sobre a unidade e a variedade do português do Brasil*, em Homenagem a Barbosa Lima Sobrinho (este o título da plaquete de trinta e três páginas de texto), no qual o autor faz ilações entre obras canônicas de nossa literatura em face do estilo literário de obras portuguesas afins.

Em 2008, um tema pelo qual se apaixonaria nos seus gloriosos últimos anos de existência, a saber: o tema do romance, cristalizado em seu ensaio *Realismo e expressão do tempo na ficção de Machado de Assis*.

A motivação e a orientação da aprendizagem da Língua Portuguesa (RJ, MEC, 1963) lhe valeu o prêmio de um estágio no Centro Internacional de Estudos

Pedagógicos na cidade francesa de Sèvres. Seria ocioso dizer que a preocupação com a clareza e a objetividade características de suas aulas o acompanhou regularmente na produção de seus ensaios o que lhes garantiu sempre um grande número de leitores.

3. O periodista

Como promotor de vários congressos internacionais de língua e literaturas de expressão portuguesa, publicou em 1963 e 1969, as atas dos dois Simpósios de Língua e Literatura que promoveu na UERJ; bem como as dos nove Congressos Brasileiros de Língua e Literatura por ele promovidos entre 1970 e 1976, quase todos na UERJ.

Foi, também, o editor dos quinze números da *Revista de Língua e Literatura* que sua Sociedade Brasileira de Língua e Literatura publicou entre 1979 e 1987 e dos Anais do XXVIII Congresso de Língua e Literatura realizado em 1997 na UERJ. Coordenou ainda a *Miscelânea Filológica Clóvis Monteiro* (RJ, Edit. do Prof., 1965) e a *Miscelânea Filológica Serafim da Silva Neto* (RJ, Edit. do Prof., 1965). Enfim, em nenhuma das *Miscelâneas Filológicas* editadas pela carioca Tempo Brasileiro, Leodegário faltou com sua esclarecida e prestigiosa colaboração, como as publicadas em honra de Said Ali, Antenor Nascentes e Clóvis Monteiro.

Entre 2004 e 2008, em plaquetes isoladas, de sua iniciativa e responsabilidade, editou estes dois ensaios: *A utopia do futuro no longo amanhecer – In memoriam Celso Furtado (1920-2004)*, sobre a obra homônima de ilustre economista nordestino, e um lúcido paralelo entre as obras deste último com a de Euclides da Cunha.

Outro interessante ensaio, este editado em 2006, foi *As vozes da narrativa num romance de Darcy Ribeiro*, no qual aborda a técnica, o ponto de vista circulante, as vozes do romance, a linguagem literária, a carnavalização, e a filosofia do povo mairum – todos eles sobre aspectos do romance Maira, daquele antropólogo-romancista.

A convite, fez ainda a Apresentação da plaquete *A língua portuguesa e a unidade Brasil*, de Barbosa Lima Sobrinho. Finalizando este tópico, em 2004, pela H.P. Comunicação, publicou sua *Descrição e funcionamento da língua portuguesa*, a qual encerra suas lucubrações gramaticais.

4. O teórico da literatura

Para analisar criticamente a obra de vários poetas portugueses e brasileiros, mestre Leodegário se apetrechou das mais importantes obras teóricas editadas nos dois países, e publicou os seguintes ensaios sobre versificação: em 1963, pela Gráfica Carioca, *O verso decassilabo em português*, sua tese de concurso para professor catedrático da UERJ; em 1964, pela carioca Editora do Professor, *As unidades melódicas da frase*; pela carioca Acadêmica, *A técnica do verso em português*, cuja segunda edição sairá revista e ampliada pela H.P. Comunicação em 2008. Esses estudos técnicos de versificação portuguesa e brasileira comprovarão o seguro embasamento de seus futuros ensaios, como os sobre a lírica de Camões.

Mestre Leodegário também exerceu, com a competência de sempre, sua pre-

ceptiva na crítica literária. Como vimos em tópico anterior, antes de fazê-lo, costumava munir-se da teoria e aplicava-a largamente no exame das obras literárias eleitas por ele. Dessa preocupação, surgiu sua *Introdução ao estudo da nova crítica no Brasil* (RJ, Acadêmica, 1965); *Estruturalismo e crítica de poesia* (RJ, Gernasa, 1970); merecedora do Prêmio Banco Regional de Brasília, a ele outorgado no IV Encontro Nacional de Escritores; *Síntese crítica da Literatura Brasileira* (RJ, Gernasa, 1971); do *Curso de Literatura Brasileira* (RJ, Gernasa, 1975); *Modernismo e pós-modernismos na Literatura Brasileira: uma visão geral* (RJ, H.P. Comunicação, 2005).

Além de emprestar sua coautoria na obra coletiva *Teoria da Literatura* (RJ, Gernasa, 1973); também o fez na obra coletiva *Um debate sobre o discurso literário* (J, Padrão, 1982). Entre estes e aqueles, apenas alguns de seus estudos panorâmicos de nossa literatura.

5. O lusitanista

Iniciou sua produção lusitanística editando em 1985 seu estudo sobre *A situação atual da língua galega* (ed. do A.), que se quis uma abordagem rápida e objetiva sobre o tema. Respalçado pela base teórica já comentada, não lhe foi difícil aplicá-la na análise de obras canônicas da Literatura Portuguesa, disciplina que lecionou por muitos anos na UERJ. Daí saíram *A poética de Anchieta*, tese defendida para o cargo de professor catedrático do Instituto de Educação (RJ, Gráfica Carioca, 1962); *Anchieta, a Idade Média e o Barroco*, distinguida pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio José Veríssimo (RJ, Gernasa, 1966); *Uma visão brasileira da Literatura Portuguesa* (Coimbra, Almedina, 1973); *A poesia dos trovadores galego-portugueses*, vol. I da *História da Literatura Portuguesa* (RJ, EDUFAL/Tempo Brasileiro, 1983); em colaboração com Silvio Elia, editou *As poesias de Anchieta em Português* (RJ, Antares, 1981); *Manuel Maria do Bocage* (RJ, AGIR, 1985); *Literatura Portuguesa: História e emergência do novo* (RJ, Tempo Brasileiro/UFF, 1987); *A obra de Anchieta e a Literatura Novilatina em Português* (RJ, SUAM, 1985); *Sobre o espaço da Nova Lusitânia* (RJ, Ágora da Ilha, 2002); *Guerra da Cal e a estilística queiroziana* (RJ, SBLL, 2003), que se desdobraria em *Guerra da Cal e a estilística de Eça de Queiroz* (RJ, ed. do A. 2007); *O Contra-Iluminismo de Bocage* (RJ, SBLL, 2004); *Eça de Queiroz e o romance realista* (RJ, Sociedade Eça de Queiroz, 2006); *Fernando Pessoa e seus heterônimos* (Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2008 e 2009); e *Dinamene: Alma gentil que te partiste* (RJ, ed. do A., s/d).

Pela extensão que alcançou, constituirá tópico à parte sua camoniana.

6. O brasilianista

O coração de Mestre Leodegário balançava entre duas grandes paixões: a literatura portuguesa e a brasileira. Como já falamos daquela, falemos agora da nossa.

Seu primeiro ensaio *Tasso da Silveira e seu universo poético* lhe valeu o prêmio Sílvio Romero, da Academia Brasileira de Letras, e logo foi por ele editado pela Gráfica Carioca (RJ, 1963).

Seguiu-se-lhe o *Ensaio sobre Camões e Machado de Assis*, que proferiu como discurso de agradecimento à Academia Brasileira de Letras por lhe haver conferido o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de suas obras.

Entre 1971 e 1973, coordenou os vinte críticos literários que organizaram, por solicitação do Instituto Nacional do Livro, os seis volumes da obra *Poetas do Modernismo*.

Seguiram-se-lhe *Murilo Araújo e o Modernismo* (RJ, Gernasa, 1967); *Poesia e estilo de Cecília Meireles* (RJ, José Olympio, 1970); *A configuração do real em Euclides da Cunha*, que arrebatou o prêmio Mauá de Literatura (RJ, Tempo Brasileiro, 1996); e, sem data, *A presença de Gregório de Matos na Literatura Brasileira* (RJ, H.P. Comunicação).

A obra de Cecília Meireles mereceu-lhe carinhosa atenção. A editora carioca Nova Fronteira publicou-lhe os nove volumes de sua *Obra em prosa*, a saber: em 1998, o volume I das *Crônicas em geral*; em 1999, os três volumes das *Crônicas de viagem*; e, em 2000, os cinco volumes das *Crônicas de Educação*. Para a editora paulista Global, selecionou e prefaciou *As melhores crônicas: Cecília Meireles*

O incomparável Machado de Assis também lhe mereceu especial atenção. Seu ensaio *Machado de Assis: o crítico literário* foi premiado em primeiro lugar pela Academia Brasileira de Letras e editado por ele em 2008. Nesse mesmo ano e espaço, pronunciou as conferências *A expressão do tempo no romance de Machado de Assis e Realismo e expressão do tempo na ficção de Machado de Assis*.

Entre os projetos interrompidos pelo seu falecimento a trinta de janeiro de 2011, estava o da publicação do primeiro volume da primeira série da Coleção Azevedo Filho, intitulada *Ensaaios de Literatura Brasileira* (RJ, H.P. Comunicação, 2007). No prólogo da coletânea dessas duas dezenas de ensaios, Leodegário teorizou sobre a ‘Relação de intersecção entre língua e literatura’ e declarou que esse primeiro volume da primeira série desses ensaios abriria caminho para mais outros quatro volumes de igual extensão.

O mestre abriu esse volume de estreia da série do seu interrompido projeto com o ensaio *Sobre Camões e Machado de Assis*, e encerrou-o com o ensaio *Língua portuguesa e expressão brasileira*. Os demais incápítulos intitulam-se: *O cunho metafísico da poesia de Tasso da Silveira, Euclides da Cunha e a ideia do Ser, Edição crítica de Gregório de Matos, Clarice Lispector e a visão do invisível, A difração poética em João Cabral de Melo Neto, A poesia reunida de Carlos Nejará, A obra em prosa de Cecília Meireles, A ficção e a criação da linguagem em Guimarães Rosa, As vozes da narrativa em um romance de Darcy Ribeiro, A universalidade de Jorge Amado, O romance regionalista de Heberto Sales, A ficção de Geraldo França de Lima, A construção de mundos possíveis na ficção de Josué Montello, Lygia Fagundes Teles e as antenas da criação, Nelida Piñon e a busca da palavra perdida, Moderna dramaturgia brasileira, O Auto da Compadecida no cinema e Portella e a poética da reconstrução*.

Os fiéis leitores dos Ensaaios de Literatura Brasileira aguardam com vivo

interesse a editoração dos cerca de oitenta ensaios anunciados para serem distribuídos pelos mais de quatro volumes de igual extensão, a fim de poderem dispor de uma visão mais ampla do juízo crítico de Leodegário sobre aquilo que julgava serem as mais representativas obras literárias em língua portuguesa.

7. O medievalista

Na editoração de antigos textos portugueses impõe-se lembrar-lhe o estabelecimento crítico de textos, a análise literária, o glossário e a reprodução fac-similar dos manuscritos d'As cantigas de Pero Meogo, por ele reeditada nos anos oitenta na Coleção Óscar Nobiling, da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, que ele fundou e por muitos anos dirigiu com a costumeira proficiência. O mesmo se pode dizer da edição crítica da *Lírica de Camões*, inicialmente prevista para ser editada em sete volumes distribuídos em dez alentados tomos, acolhe a história das edições quinhentistas e seiscentistas dos textos, a rigorosa metodologia utilizada, a descrição do *corpus* dos sonetos, das canções, das odes, das oitavas, das églogas, das redondilhas e do glossário.

No primeiro volume dessa série (infelizmente também interrompida pelo seu falecimento), *Da crítica e do seu exercício*, intitulada *Três ensaios de literatura medieval galego-portuguesa* (RJ, Ágora da Ilha, 2000), e editada sob a égide da S.B.L.L., após situá-los no tempo e no espaço, no prólogo da obra, Leodegário apresenta *Algumas achegas para a história da edição crítica de textos medievais galego-portugueses no Rio de Janeiro*, e propõe leituras modelares para as obras de Pero Meogo e de Martin Codax, encerrando-o com uma bibliografia básica consultada de nada menos que cento e quatorze obras

Como adiante veremos, embora tenha iniciado seu namoro com a literatura portuguesa medieval através das obras supracitadas, Leodegário depois acabou entregando-se de corpo e alma à poesia lírica de Camões.

8. O teórico da Ecdótica

Como já informamos, antes de empenhar-se em promover a edição, rigorosa e cientificamente crítica, da poesia lírica de Luís Vaz de Camões, o mestre munuiu-se de importantes manuais para poder estabelecer aqui que, no manual intitulado *Base teórica de crítica textual* (RJ, H.P. Comunicação, 1987 e 2004).

Nesse opúsculo, que mereceu a apresentação de Antônio Houaiss, o mestre procurou estabelecer a conceituação de crítica textual; comentou-lhe as ciências auxiliares, repassando um pouco da história de cada uma delas; falou dos diversos tipos de edição de textos, *máxime* da edição crítica; e discorreu sobre as várias etapas pelas quais ela terá necessariamente de passar. Na bibliografia, quase uma meia centena de edições canônicas, que vão dos clássicos ensaios de Joseph Bédier sobre a obra *Le lai de l'ombre* de Jean Renard (1890 e 1928) até a edição dos *Cancioneiros dos trovadores do mar*, preparada pela filóloga portuguesa Elsa Gonçalves, editada em 1999 pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, de Lisboa.

Assim sendo, o mestre detidamente refletiu sobre os problemas ecdóticos com que iria defrontar-se ao editar a obra de Camões, com ensaios fundamentais, como *O cânone lírico de Camões* (RJ, Gernasa, 1976) e *A lírica de Camões e o problema dos manuscritos* (Paris, Arquivos do Centro Cultural Português, vol. XIII, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978).

Alicerçando mais profundamente sua fundamentação teórica, editou ainda pela carioca Ágora da Ilha seu ensaio de quarenta páginas *Camões épico, lírico e dramático (Problemas ecdóticos e busca de soluções)*.

Ressalte-se aqui também as cento e trinta páginas de seu *Estudo Filológico* da edição fac-similada do exemplar dos *Lusíadas* pertencente ao espólio do sábio imperador Dom Pedro II, hoje no acervo do I.H.G.B., estudo seguido da relação das mais de oitenta obras já editadas e algumas ainda por editar da autoria do mestre Leodegário.

Precedida de breve apresentação do Prof. Dr. Arno Wehling, presidente daquela instituição, e do prefácio do Prof. Dr. Nicolás Extremera Tapia, catedrático da Universidade de Granada, no seu *Estudo Filológico*, Leodegário levanta e comenta as variantes daquela obra maior da épica lusitana.

O estabelecimento do texto da *Ode ao Conde do Redondo* (RJ, Presença, 1988), precedido de uma breve e elogiosa ‘Apresentação’ do saudoso filólogo Olmar Guterres da Silveira, então professor titular da UERJ, é fundamentado por uma ‘Introdução Geral’ em que o ensaísta historia os textos de suas variantes nas precedentes edições da obra em tela promovidas por Faria e Sousa, Garcia d’Orta, pelo manuscrito apenso às *Rhythmas* (edições de 1595 e 1598), bem como pela edição da obra promovida pelo Visconde de Juromenha.

Sem dúvida alguma, mais um excelente trabalho do mestre que recentemente se afastou de nosso convívio, deixando um invejável legado humanístico para a posteridade.

Igualmente impõe-se incluir neste tópico sua *Iniciação em crítica textual* (RJ, Presença, 1987), que, apresentada elogiosamente pelo saudoso lexicógrafo Antônio Houaiss, é utilíssima para aqueles que se aventuram nesses domínios do saber; bem como seus *Ensaio de linguística, Filologia e Ecdótica* (RJ, S.B.L.L./U.E.R.J., 1998), que nos fornecem uma visão interessante de como se entrelaçam e completam essas três ciências da linguagem.

Em 1990, com introdução da ecdota Barbara Spaggiari, foi dado à estampa pela italiana Edizioni dell’Arquata seu trabalho *Luis de Camões: 13 imagens e 1 poesia*, com livre adaptação do texto poético de Camões ao italiano moderno por Maria Raffaella Trabalz.

Posterior e sucessivamente foram editados pela carioca H.P. Comunicação, os seguintes ensaios: em 2004, seus *Oito ensaios camonianos*; e, em 2005, seus *Estudos camonianos* e *Camões: um soneto do corpus possibile*.

Tão incansável e exaustivamente Leodegário trabalhou sobre o legado lírico do gênio português, que pouca coisa restará a quem se propuser navegar por essas águas onde ele velejou com tanta segurança.

Em sua edição dos *Sonetos de Luís Vaz de Camões* (RJ, Francisco Alves, 1974), cujo *corpus minimum* foi por Leodegário estabelecido a partir de manuscritos quinhentistas, há uma homenagem, mais do que justa, àquela que foi sua leal conselheira, sua incansável e paciente companheira por tantos e tantos anos. O oferecimento desse trabalho diz assim: “*Para Ilka Souza Lima de Azevedo, / minha mulher, / pelo incentivo e perfeita solidariedade.*” Isso vale como uma redeclaração de amor, “ampla, geral e irrestrita.”

Com apresentação de Antônio Sérgio de Lima Mendonça, essa seleção traz ainda dois belos ensaios de Leodegário intitulados ‘Problemática Geral da Lírica de Camões’ e ‘Uma poética de confluência,’ na qual estuda a presença renascentista, a maneirista e a barroca na poesia lírica do imortal gênio português.

Em seu ensaio *Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia*, que nesta cidade saiu com o selo da carioca Tempo Brasileiro em 1995, Leodegário mostra como caminham paralelamente fundo e forma.

Finalmente em 1995, ainda trabalha com literatura comparada traçando um difícil paralelo entre dois grandes escritores no ensaio *Sobre Camões e Machado de Assis*.

Estes os principais ensaios escoteiros sobre os temas da lírica do polímorfo escritor lusitano.

9. Ainda a lusitanística leodegariana

Onde mais se agigantou nosso ensaísta foi na realização de seu projeto maior, qual seja a editoração crítica dos poemas líricos de Camões. É de 1985, o vol. I de sua *Lírica de Camões* (Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda), também apresentada por Antônio Houaiss. Nesse volume, Leodegário levantou a ‘História’ dos poemas e esmiuçou a metodologia utilizada por ele e na eleição do *corpus* que utilizou.

No mesmo ano, o mestre editou pela Sociedade Universitária Augusto Mota seu ensaio *Luis de Camões: a instabilidade da fortuna*, em que o genial vate lusitano, em seus poemas líricos, refletiu sobre a relatividade da condição humana.

Apresentado pelo exigente linguista carioca Sílvio Edmundo Elia, é de 1987 o primeiro tomo dos *Sonetos da Lírica de Camões*; e, dois anos depois, também editado pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, de Lisboa, saiu o segundo tomo dessa obra.

Por essa prestigiosa instituição portuguesa, sucessivamente Leodegário publicou os seguintes volumes de sua *Lírica de Camões*: em 1996, saíram as *Canções*; no ano seguinte, com apresentação do camonista francês Roger Bismut, saíram as *Odes*; e, no seguinte, as *Elegias em Tercetos*; e, em 2001, o primeiro tomo das *Églogas*. No segundo tomo das *Elegias em tercetos* ele reuniu as *Oitavas*. O sexto volume reuniu as Redondilhas, enquanto o sétimo foi dedicado ao *Glossário*.

Seus *Estudos Camonianos / Considerações sobre os corpora minimum, addititium e possibile* (RJ, H.P. Comunicação, 1994) reúnem três ensaios, a saber: *As três dimensões do corpus lírico de Camões, Sobre a constituição do corpus addititium*

e *Sobre a constituição do corpus possibile*.

No Natal de 2001, foi a vez de seu ensaio *Camões épico, lírico e dramático; Problemas ecdóticos e busca de soluções* (RJ, Ágora da Ilha). Em 2003, pela S.B.L.L., editou *Guerra da Cal e a estilística queirosiana*; em 2005, pela carioca H.P. Comunicação, editou o ensaio *Camões: um soneto do corpus possibile – O dia em que naci moura e pereça* e, em 2008, *Eça de Queiroz e o romance realista*.

Iniciei esta tentativa de classificação da vasta obra leodegariana chamando a atenção dos possíveis leitores para a efemeridade da luminosa e sofrida existência de minha querida e saudosa mãe, a professora normalista Edith Raposo Martins Araújo, tão cedo arrebatada de nosso carinho aos trinta e três anos de idade.

Nos seus fecundos e gloriosos oitenta e quatro anos de existência, o humanista pernambucano Leodegário Amarante de Azevedo Filho sobreviverá ao seu desaparecimento na palavra dos muitos professores e das muitas professoras que ajudou a formar; mas sobreviverá principalmente nas muitas e variadas obras que editou.

Com seu dignificante exemplo, Leodegário consubstanciará *post-mortem* o princípio de que a Arte cria uma realidade muito mais real do que a própria realidade. Seu falecimento nos deixou órfãos de sua presença, mas suas obras mostrarão a seus pósteros, como nós outros aqui sobreviventes, que sua linda, longa e produtiva vida valeu mais do que a pena ser vivida.